

SIMPÓSIO AT131

DE COMO O INSÓLITO ETERNIZA ESTRANHAMENTOS E PRENDE O LEITOR

REINALDO, Lilásia Chaves de Arêa Leão
Profa. Dra. Letras – IFMA
lilasiateacher@hotmail.com

CARVALHO, Ana Cristina
Profa. Dra. Letras – UEMA
anacris.brito@hotmail.com

Resumo

Dentre os insólitos literários propostos por Mia Couto no seu livro **O fio das missangas** (2004), cujo repertório em contos revela um leque de possibilidades nesse universo da literatura que se ergue nas trilhas dos constructos do universo literário fantástico, escolheram-se os contos “O homem cadente” narrativa que instiga o leitor a partir do título que abriga certa imagem de natureza surrealista em que um homem é observado por meio de uma construção da linguagem e tempo que se propõem à impossibilidade de um intrigante “infinito e improvável gerúndio” e também “Peixe para Eulália”, cujas impossibilidades tramadas verificam-se de forma tão extremada e envolvente que se torna também improvável o desapego do interlocutor. Essas narrativas, além de se oferecerem como inauguradoras de possibilidades de composições imagéticas também exibem-se no universo linguístico com minuciosa teia de elaborações, ao tempo em que desperta-nos o necessário estranhamento, característico da vertente literária em estudo, tão ricamente conceituada e classificada por Tzvetan Todorov (2008) e também analisada em contextos e tradições culturais dos autores africanos, dentre outros aspectos, por estudiosos como Wittiman (2012), Abranches (2011) e Sílvio Ruiz Paradiso (2015). Nesta análise pretende-se destrinçar a arquitetura insólita representada pelos personagens envolvidos em cenários de imagens que avultam como exemplares nessa proposta literária do autor africano de expressão portuguesa.

Palavras Chave: insólito, conto, análise, literatura africana

Abstract:

Among the unusual literary proposed by Mia Couto in his book "O fio das missangas"(2004), whose repertoire in tales reveals a range of possibilities in this universe of literature that rises in the trails of the constructs of the fantastic literary universe, were chosen the tales "O homem cadente" narrative that instils the reader from the title that houses a certain image of surrealist nature in which a man is observed through a construction of language and time that they propose to the impossibility of an intriguing "Infinite and improbable Gerundian" and also "Peixe para Eulália ", whose impossibilities have been set in such an extreme and engaging way that the detachment of the interlocutor becomes also unlikely. These narratives, besides offering themselves as inaugurators of possibilities of imagetic compositions, also exhibit themselves in the linguistic universe with a thorough web of elaborations, at the time when it awakens us the necessary estrangement, characteristic of Literary strand in study, so richly conceptualized and classified by Tzvetan Todorov (2008) and also analyzed in cultural contexts and traditions of African authors, among other aspects, by scholars such as Wittiman (2012), Abranches (2011) and Sílvio Ruiz Paradiso (2015). This analysis intends to uncover the unusual architecture represented by the characters involved in image scenarios that stand out as exemplary in this literary proposal of the African author of Portuguese expression.

Key-words: unusual, tale, analysis, african literature

Introdução

A literatura entendida como arte de representar as várias naturezas humanas e universais por meio das palavras é, sobretudo, a arte das palavras a protagonizar os exercícios da função criativa a fim de mostrar as elaborações humanas no mundo em seus incontáveis modos e na sua pluralidade inesgotável de significações. Tem-se neste artigo o entendimento de que a literatura enquanto arte criativa está acima de enquadramentos restritivos que desfaçam esse caráter da universalidade que é marca mais buscada nas produções literárias mais destacadas em todo o mundo. As questões

geográficas e culturais, obviamente, atribuem cores diversas, enriquecem e fazem com que as produções literárias sejam infinitamente férteis nos seus desdobramentos ficcionais, cenários verossímeis ou inverossímeis, aspectos culturais locais, regionais e ainda assim universais, pois é pertinente dizer-se que o universo dito local pertence necessariamente ao cosmos universal. Os aspectos ditos “locais” dos repertórios dos escritores, mostram-se como uma espécie de fractal das expressões humanas em quaisquer dos continentes nos seus vieses culturais. A multiplicidade de realidades, tomadas a termo na perspectiva de quem escreve, enriquece os caminhos ficcionais a serem deslindados pelos leitores, que em atitudes de simples deleite ou de perscrutação analítica, mergulham nesses construtos de expressões humanas, que podem ser analisados de variadas perspectivas. Daí defender-se que é possível olhar o universo ocidental, africano ou até mesmo oriental com variadas ferramentas analíticas, desde que se proponham a entender ou interpretar universos literários sob óticas de compreensão e leitura diferenciadas. Isto posto, percebe-se que as teorias da literatura estão postas para análise desse fazer literário seja em quais espaços e contextos forem. Das representações culturais, elas estarão sempre imbricadas e há que se ficar atento ao fato de que as culturas tecidas nas tramas também são falares e polifonias e por este motivo, tanto os costumes, falares, como as paredes, o vento, a chuva, a lágrima ou um gesto ritual são elementos dignos de olhares e análises. Entende-se que as investigações, classificações e conceituações de Tzvetan Todorov oferecem-se como ferramentas cabíveis para investigações analíticas da literatura nas suas questões do insólito, mas, sabe-se que o analista não deve usar tais parâmetros de forma restritiva, com o fito de “amarrar a arte literária em chaves obrigatórias”, mas sim, deslindar horizontes para que se desdobrem outros olhares possíveis nessas expressões artísticas das multiplicidades humanas.

Estes primeiros esboços de uma defesa a favor de uma universalidade para uma base conceitual na literatura do fantástico, estando nela incrustadas as construções do insólito, estão ancoradas no que disse Tzvetan Todorov no seu

livro **Introdução à literatura fantástica** (2012, p.40), em especial quando este se refere às ideias de H. P. Lovecraft, quando propõe uma atitude para compreensão do fantástico que retira da obra a necessidade de ser classificada por cumprir a certos atributos ou características e, por outro lado, transfere o papel de ator dessa definição para o leitor que nessa atitude será aquele que, a partir da sua experiência, e diante da proposta da obra, experimentará o sentimento de estranhamento ou não, a partir das suas próprias e experiências e culturas. Deste modo, uma obra poderá ser entendida como fantástica para alguma cultura, enquanto que para outras não.

É nesse viés que se situam escritores e teóricos da literatura africana, os quais reivindicam para esse fazer literário dos africanos um plano de fundo diferenciado dos ocidentais, na medida em que, mesmo revelando enredos concebidos como parte das suas cotidianidades e naturais para as tradições e cultura africana, conduzem romances que sob o olhar do leitor estrangeiro, exibem-se em tramas identificadas como insólitas. Mas, isso também poderia, até mesmo, ser compreendido como a busca de “captar o leitor”, ou seja, a realidade cultural dos africanos seria literariamente “costurada” nas tramas de forma a dar destaque exatamente aos aspectos (talvez até mesmo já transformados historicamente) que podem ser ressaltados como estranhos para o leitor estrangeiro.

Com nosso olhar ocidental treinado e interessado em identificar insólitos e estranhos no fazer literário e por considerar este gênero de escrita bastante atrativo aos leitores, consideramos como insólitas todas as construções elaboradas na tessitura literária do modo como diz Todorov (2012):

[...] Acontecimentos que parecem sobrenaturais ao longo de toda a história, no fim recebem uma explicação racional. Se esses acontecimentos por muito tempo levaram a personagem e o leitor a acreditar na intervenção e o sobrenatural, é porque tinham um caráter insólito. (TODOROV, 2012, p.51)

Outra informação importante a guiar nossa análise é também comentada por Todorov na sua introdução à literatura fantástica, em especial quando defende a necessidade de que seja identificada a hesitação do leitor na recepção dos textos, os quais lhe causam o necessário estranhamento característico dos insólitos literários: “[...] O fantástico implica portanto não apenas a existência de um acontecimento estranho, que provoca hesitação no leitor e no herói; mas também numa maneira de ler [...]” (2012, p.38)

Acerca deste tema, Sérgio Ruiz Paradiso, (2015, p.271) comenta e propõe uma nova perspectiva para os estudos da literatura de autores africanos, de forma que sejam enlaçadas questões de natureza histórica que por sua vez devem interferir no modo de recepção da literatura dos africanos:

Apesar de quase todos os romancistas africanos estarem inseridos numa tradição do romance “eurocidental, ao menos na forma, um dos elementos constituintes e caracterizadores da estética africana é a metaficção historiográfica, e também, como já dito, o realismo animista (Arenas 2011:165). Estes elementos que englobam a alegoria, a ironia, a sátira, a denúncia social e política – próprios das literaturas pós-coloniais, estão envoltos em um pensamento da religiosidade tradicional animista. [...] Se os autores africanos, contudo, se inserem nessa tradição literária do ocidente europeu, não poderiam receber alcunhas e conceitos derivados também dessa tradição como Mágico, Fantástico, ou até mesmo o Maravilhoso comum à latinidade? Talvez não [...]

Ainda que sejam também adotados novos conceitos e que tais novas abordagens contemplem e comportem olhares mais específicos no recorte do tema, a tradição literária conceitual não deixará de produzir as suas análises e contribuições a partir da recepção dos olhares que adotam a visão da literatura como sendo universal e possível de ser investigada profundamente de outros ângulos. Afinal, adotando-se somente o olhar “local”, negando essa flexibilidade de leituras, estaríamos contestando a inventividade e genialidade de inumeráveis construções literárias e isso somente deixaria “a descoberto” uma possibilidade de banalização do trabalho de autores consagrados nas tramas do gênero cuja origem africana clama para si um desfazimento da possibilidade do estranho ao buscar justificar e explicar a naturalidade de muito daquilo que é julgado estranho pelo fato de pertencer a uma cultura

diferenciada, por viver cotidianamente aqueles momentos que a outros poderiam vistos como estranhos ou fantásticos.

Ainda sobre essa defesa de uma base conceitual diferenciada à literatura dos autores africanos, Wittiman diz que “O animismo africano prevalece sobre os valores da realidade, fazendo com que o leitor ocidental perceba que o sobrenatural encontra-se ali” (2012:13). De certo modo, Wittiman entende que há uma impossibilidade nessa proposição de um universo “em separado” para a análise das narrativas africanas. Afinal, assim o é em relação a quaisquer outras culturas e tradições: olhares locais e olhares estrangeiros.

Com essas posições de adoção de liberdade para ler e fazer a recepção dos autores africanos, nos debruçamos para identificar os insólitos construídos nos contos já mencionados, a fim de tentar distinguir algumas razões para que este gênero seja tão atrativo aos leitores.

Sobre “o homem cadente”

Este conto já foi objeto de análises em outros trabalhos publicados, porém, como diz T. S. Eliot, haverá, sem limite, tantas leituras quanto leitores, e deste modo, esta nossa recepção buscará os trechos em que os insólitos se insurgiram a esta leitora interessada no tema: “O homem cadente” desde seu título principia a instigar o leitor na medida em se utiliza de um adjetivo incomum para caracterizar um homem. E logo de início brinca com a ideia da linguagem, pois afinal, o uso do gerúndio, em especial na língua portuguesa brasileira, ambiente em que tem sido bastante criticado, tornando-se vício de linguagem e praticamente um clichê quando se trata de serviços de telemarketing. Mas, seria um propósito de Mia Couto sugerir tal ironia no uso do gerúndio neste conto? Talvez não. Talvez estejamos adotando um olhar muito particular. Porém a ideia de gerúndio como tempo verbal utilizado nas descrições de alguma ação em curso, ou seja, algo que está acontecendo. E assim ocorreu com o personagem do conto que, insolitamente, provoca a atenção pelo fato de ser um gerúndio que se confirma na sua completude. O homem está caindo, e essa ação que naturalmente deveria ter um final, permanece nesse gerúndio que eterniza a ação em movimento. Outros

estudiosos associam a ideia da queda à ideia do voo, e entende-se que ode mesmo ser uma forma de se conceber a trama. Porém, não havia asas, então como poderia aquele homem manter-se em voo? O conto se desenrola no cotidiano de pessoas que assistem o infundável “gerúndio” da queda. Apesar de se tratar de algo trágico, o conto conduz o leitor às sugestões de humor e ironia. Associam-se informações acerca do movimento da cidade em torno do insólito. Autoridades policiais, políticos, todos tentaram fazer com que o episódio cessasse. E a tensão é sustentada e ganha-nos como leitores interessados na medida em que ansiamos pelo desfecho, trágico ou milagroso. As pessoas assistiram ao homem caindo por dias, como descreve o trecho selecionado: “Me aproximava do prédio e já me aranhava na multidão. Coisa de inacreditar: olhavam todos para cima. Quando fitei os céus, ainda mais me perturbei: lá estava, pairando como águia real, o Zuzé Neto. [...] Estava caindo? Se sim, vinha mais lento que o planar do planeta pelos céus. [...] Atirara-se quando? Já na noite anterior, mas o povo só notara no seguinte dia” (COUTO, 2009, p.15). A hesitação acerca do evento detém tanto personagens quanto leitor. Somente no final, discretamente chega-nos a informação de que o episódio tratava-se de um sonho. Para certificar-se o personagem narrador desloca-se até o local e constata que o homem não mais caía. Porém, ressurgem motivos para dúvidas, uma moça que estava sempre presente (e chorava, possivelmente apaixonada, rezava e assistia também a tudo), dirigiu-se ao personagem narrador e perguntou-lhe “O senhor consegue ver Zuzé?” Assim, retoma-se a dúvida: foi um sonho ou Zuzé realmente caíra do prédio? Insólito mostrou-se o homem que caía “gerundiando” e insólito foi a trama em que personagens transitaram entre a realidade e o sonho.

Do insólito em “Peixe para Eulália”

Também neste conto a presença dos neologismos, humor e ironia mesclados ao ambiente de uma iminente tragédia em tempos de longa estiagem, oferecem, desde o início, a perspectiva do insólito. De início, um personagem, Senhorito é apresentado como um homem que fazia previsões de momentos penosos e coisas feias, e o gesto para alcançar o “poder” dessa previsão era retirar os

olhos. Porém somente Eulália acreditava em Senhorito, que foi vítima de piadas risadas e ironias. Com a seca, fome e sede dominam o lugar, e Eulália adocece. Quando Senhorito soube do ocorrido, mandou convocar a aldeia para fazer anúncio: ele seria pescador. Mas, o anúncio provocou risos e novas piadas e o povo perguntava aonde ele iria pescar se não havia água no rio. A expectativa se dá em uma espécie de crescendo: como esse pobre homem que retira os olhos das órbitas conseguirá pescar em meio a estiagem? Então, o insólito começa a se construir: Senhorito aponta para o céu e indica aonde irá pescar e então dá-se o momento crucial do estranhamento:

- Vou lá, vou subir às águas de lá. [...] Entrou no barco e ajustou-o em posição vertical, proa virada ao firmamento. Face ao espanto geral, Senhorito começou a remar. Os remos cruzavam o ar, vincados no vazio. As bocas abertas, em multidão de exclamações, se inexplicavam: o barco subia em invisível afluente de nuvem. Os remos, mais e mais, pareciam asas. E o barco transparecia em ave. Até que as nuvens engoliram aquela inteira visão. Então, alguém gritou: - Venham ver. Vejam. Senhorito que sobre! [...] Foi, nunca mais desceu. Ainda esperaram que Senhorito tombasse, desamparado, mais sua embarcação. Como nada sucedesse, um por um, os aldeões regressaram a suas casas.” (COUTO, 2012, p.144)

Depois da “subida” de Senhorito, Eulália vivia a olhar o céu e planejou outro insólito: construiria um barco para subir como Senhorito. Mas o “plano” foi descoberto e destruíram os materiais de Eulália. E Eulália vivia a repetir que iria voltar. Até que um dia anunciam que “gotas” haviam caído do céu: eram os olhos de Senhorito! Ora, quão insólito cenário se faz neste momento; os olhos estavam esbugalhados demonstrando espanto! Porém, o maior momento dos insólitos deste conto se dá quando da realização da “pescaria” feita por Senhorito:

[...] A mulher, escapando dos braços que a continham, correu a apanhar o achado,. Mas, quando ainda se debruçava, o céu se abriu em relampejos. E choveu, choveu chuva gorda, farta, despenteada trança de água no colo do universo. E peixes e cardumes, resvalaram dos céus.” (COUTO, 2012, 145-146).

Neste momento culminante, pode-se perceber o insólito inverossímil e ao mesmo tempo pode-se vislumbrar a presença de “contística da oralidade”,

talvez histórias da tradição cultural do lugar. Afinal, o insólito está registrado muito mais na subida aos céus do Senhorito com seu barco e remos, o arremesso dos olhos como indicação da pescaria e finalmente a chuva de peixes. Fenômeno raro que pode ocorrer, assim como as chamadas “trombas d’água”, de histórias contadas na tradição nordestina do Brasil, região onde se verificaram as maiores secas no continente Brasileiro.

Considerações finais

Perdeu-se a perspectiva do insólito? Claramente não! Ele foi construído, em cima das imagens impossíveis e hesitações em negar ou admitir totalmente a ocorrência. Afinal, há outras possibilidades de leitura, pois desde o início e no final do conto, há indícios da presença da fé nas ladainhas de Eulália, na ascensão do barco aos céus, em busca de chuvas e finalmente, após tantas orações, o cumprimento da promessa do “pescador” Senhorito, que conseguiu enviar os peixes para Eulália que prosseguiu na fé e tradição recontando a sua “estória”. Entretanto, ganha destaque o insólito puro do barco de Senhorito que é navegado para cima, rumo às nuvens e não mais desce. Ganham destaque também os olhos espantados que caíram das nuvens, certamente “sacados fora por Senhorito” que os enviou como mensageiro das chuvas. Deste modo, intrigados e interpelado pelo insólito da história, o leitor completa o percurso interessado nessa construção, motivo deste artigo.

REFERÊNCIAS

- COUTO, Mia. “O homem cadente” In: **O fio das missangas: contos**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- COUTO, Mia. “Peixe para Eulália” In: **O fio das missangas: contos**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- PARADISO, Sílvio Ruiz. **Religiosidade na literatura africana: a estética do realismo animista**. In: REVISTA LITERÁRIA. Londrina, vol.13, 2015.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.



ISBN 978-85-7946-353-2

